



CENTRO UNIVERSITÁRIO DR. LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANTONIO VINICIUS PEREIRA DAS CHAGAS

**“A CAIXA DE PANDORA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO”: A PSICOLOGIA
DAS MASSAS E A ADESÃO ÀS IDEIAS FASCISTAS NO SÉCULO XXI**

Juazeiro do Norte
2020

ANTONIO VINICIUS PEREIRA DAS CHAGAS

**“A CAIXA DE PANDORA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO”: A PSICOLOGIA
DAS MASSAS E A ADESÃO ÀS IDEIAS FASCISTAS NO SÉCULO XXI**

Artigo apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito para a obtenção do grau de bacharelado em Psicologia.

Juazeiro do Norte
2020

ANTONIO VINICIUS PEREIRA DAS CHAGAS

**“A CAIXA DE PANDORA DO MUNDO CONTEMPORÂNEO”: A PSICOLOGIA
DAS MASSAS E A ADESÃO ÀS IDEIAS FASCISTAS NO SÉCULO XXI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
coordenação do curso de Psicologia do Centro
Universitário Dr. Leão Sampaio, como requisito
para obtenção de grau de Bacharelado em
Psicologia.

Aprovado em: 14/12/2020

BANCA EXAMINADORA

Dr. Raul Max Lucas da Costa
Orientador

Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega
Avaliador

Me. Cícero Anderson de Almeida Bezerra
Avaliador

RESUMO:

O século XXI parece está trazendo dos mortos ideias e posturas já observadas no século XX. As características fascistas são facilmente percebidas em atitudes e posturas de governos e populações na atualidade. Dessa forma, este estudo buscou analisar, através do conceito de Massas, a adesão de uma camada cada vez mais significativa da população, às ideias fascistas. Para tanto, foram feitas pesquisas bibliográficas sobre o tema, a fim de conceituar totalitarismo e fascismo, levantando as suas principais características, e um breve comparativo com as manifestações presentes no Brasil. Bem como pesquisas bibliográficas sobre a Psicologia das Massas do Fascismo, que nos mostraram as razões psicológicas que levam parte da população a aderir a essas ideias. Através da análise concluímos que a adesão a ideias fascistas tem sua motivação em origens psicológicas, por meio da repressão sexual, começando pela criança e que se estende na vida adulta, através, entre outros, da Igreja, também nas frustrações acarretadas ao longo da vida.

PALAVRAS - CHAVE: Fascismo, Psicologia, Massas, Ideais, Totalitarismo e Governos.

ABSTRACT:

The 21st century seems to be bringing from the dead ideas and attitudes already observed in the 20th century. The fascist characteristics are easily perceived in attitudes and attitudes of governments and populations today. Thus, this study sought to analyze, through the concept of Masses, the adhesion of an increasingly significant layer of the population, to fascist ideas. To this end, bibliographic research on the subject was carried out in order to conceptualize totalitarianism and fascism, raising its main characteristics, and a brief comparison with the manifestations present in Brazil. As well as bibliographic research on the Psychology of the Masses of Fascism, which showed us the psychological reasons that lead part of the population to adhere to these ideas. Through the analysis we conclude that the adherence to fascist ideas is motivated by psychological origins, through sexual repression, beginning with the child and that extends into adult life, through, among others, the Church, also in the frustrations caused throughout life.

KEY WORDS: Fascism, Psychology, Masses, Ideals, Totalitarianism and Governments.

1 INTRODUÇÃO

“A cadela do fascismo está sempre no cio.”

(Bertolt Brecht)

As ideias totalitaristas estiveram presentes na História da humanidade sempre que os países passavam por momentos de crises e conflitos, a exemplo do pós Primeira Guerra

Mundial. Foi assim que líderes totalitaristas como Hitler, Mussolini, Stalin¹ e outros chegaram ao poder, deixando um rastro de sangue e perseguições aos que eram considerados como seus inimigos. Vistas de hoje, as ações desses líderes parecem inadmissíveis, e é comum nos indagarmos como as pessoas permitiram que eles chegassem ao poder e agissem como agiram.

Não parece, mas uma parte da população alemã apoiou o nazismo, visto que as propostas de Hitler apontavam como saída para uma Alemanha destruída pela Primeira Guerra Mundial, e humilhada pelas punições impostas no pós Guerra, judeus apoiaram a ascensão de Hitler², a ideia de asfixiar judeus em uma câmara de gás, veio de um dos sargentos de Hitler. Mussolini teve apoiadores entre os civis. Assim como ideias fascistas ganham cada dia mais adeptos pelo mundo no século XXI, mesmo com todos os lugares de memória que foram erguidos para que a humanidade não esqueça do que o fascismo é capaz de provocar, mesmo com a história nos alertando do risco que tais ideias representam para a sociedade.

Os governos fascistas, que entraram em ascensão após a Primeira Guerra Mundial e encontraram adesão de uma camada significativa da população devido ao cenário de crise em que o mundo se encontrava e a fragilidade das relações internacionais, uma vez que a Grande Guerra mudou completamente as estruturas econômicas e relações sociais entre os indivíduos; deixaram um rastro de sangue, fazendo com que feridas fossem criadas nas populações. Os casos clássicos de governos autocráticos, como a Alemanha Nazista, a Itália Fascista ou o governo de Pinochet no Chile, nos mostram que além do sangue que deixou ferida aberta na população, um rastro atitudes e posturas fascistas também ficaram, e se espalham com velocidade e força em vários países.

¹ Stalinismo: sistema político totalitário, cujo nome está relacionado a Josef Stalin, líder da URSS no período de 1927 a 1953. O stalinismo é um exemplo de totalitarismo com liderança de esquerda, partido único e unidade nas decisões. Fascismo: nos referimos ao fascismo italiano, que por ter sido o primeiro com essa denominação, acaba sendo usado também para outras experiências com as mesmas características. O fascismo italiano tinha como líder Benito Mussolini, apoiado pelos maiores donos dos meios de produção da Itália, que temiam um avanço do comunismo. Assim como no stalinismo, o fascismo italiano controlava a economia e os meios de comunicação. Nazismo: foi a manifestação do fascismo na Alemanha, tendo as mesmas características e o líder Adolf Hitler. Ao chegar ao poder na Alemanha, Hitler cria o Partido Nazista Alemão, de extrema direita, ultra nacionalista. Os três emergiram após momentos de crise, encontrando populações devastadas em pós guerra.

² Sobre Judeus que apoiaram o nazismo, ver FEST, Joachim. Hitler. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976. Além de artigos de estudiosos como o artigo de Vinícius Bivar Marra Pereira, que trata sobre a obsessão antisemita de Hitler. Sobre os Campos de Concentração, ver o episódio de Nerdologia de História, no Youtube intitulado “O açougueiro de Praga”, que trata sobre o general de Hitler que idealizou os Campos de Concentração e os grupos de extermínio. Sobre Mussolini ter tido apoio popular é de conhecimento histórico que o partido Fascista foi apoiado pelos industriais, e por isso Mussolini conseguiu chegar ao poder. Para mais informações sobre o apoio social ao nazismo, ver: “Terceiro Reich: na História e na Memória”, de Richard J. Evans, publicado originalmente em 1947. Sobre o apoio do setor civil da sociedade a Mussolini e o fascismo, ver “Mussolini e a ascensão do fascismo”, livro de Donald Sassoon, publicado em 2009.

Não é necessário muito esforço para encontrarmos sites e páginas neonazistas, mesmo no Brasil, além de atitudes em defesa do armamento, contra as minorias e a diversidade social, que através de seus discursos inflamados podem ser entendidas como fascistas, e estão em alta entre pessoas de todos os sexos e idades. Mesmo que a História sempre tenha mostrado o que tais governos causaram, uma corrente negacionista tenta reivindicar o que chamam de “seu lado da história”, na busca por negar genocídios e perseguições, para dar aos fascistas um ar de naturalidade.

Dessa forma, este estudo busca problematizar a adesão de uma parcela cada vez maior da população às ideias fascistas, partindo da perspectiva da psicologia das massas de que a humanidade anseia pela submissão, como se os homens buscassem sempre um líder a quem se curvar, sem o qual sua existência não faria sentido. Esse líder cujas massas buscam, como os líderes fascistas do século XX, elegem os seus através de um discurso que os acalenta e envolvem, que externa todos os medos, escolhe um inimigo em comum e uma causa que justifique todas as suas ações, aos olhos daqueles que aderiram ao seu discurso de ódio.

Assim a questão central que norteará esse estudo está situada no campo da psicologia das massas. Buscamos entender e explicar as manifestações de apoio a atitudes e posturas fascistas no século XXI no Brasil e em outros países. E, em que medida a “adesão” de uma parcela da população a ideias fascistas, alavancadas pelas mídias sociais, tem gerado um maniqueísmo, que divide a sociedade entre os que apoiam e os que não apoiam essas ideias, provocando brigas e espalhando o ódio.

Em outras palavras, através da Psicologia das Massas objetivamos desvendar a caixa de Pandora que parece ter sido aberta no século XXI, espalhando uma gama de ideias e atitudes antidemocráticas e fascistas. Na Mitologia Grega, a Caixa de Pandora teria sido um presente dado pelo Deus Zeus a Epimeteu, como forma de vingar-se do seu irmão, Prometeu, que havia roubado de Zeus. Além da caixa, que continha dentro de si todos os males do mundo, Zeus presenteou-o com uma mulher, Pandora. Segundo a mitologia, o Deus alertara Epimeteu que a caixa não poderia ser aberta em nenhuma ocasião, mas Pandora, por não resistir a própria curiosidade, abriu a caixa, espalhando pelo mundo todos os tipos de males. A metáfora contida no título desse estudo faz alusão a forma como essas ideias fascistas voltaram a espalhar-se, como se vindas de uma caixa proibida e recentemente aberta, espalhando pelo mundo muitos males através das redes sociais.

Justifica-se a necessidade dessa pesquisa pela onda de posturas fascistas que tem aumentado a cada dia no nosso país, manifestando-se das mais diversas formas e nos mais diversos meios, como as redes sociais, por exemplo. Torna-se necessário entender esse

“fenômeno” a partir da psicologia das massas para explicá-lo, mostrando que o maniqueísmo gerado entre quem é a favor e contra o fascismo também é área de estudos da psicologia. Através de um olhar científico e baseado em um método qualitativo as ideias fascistas serão abordadas neste estudo, que lança uma perspectiva diferente sobre o tema a partir da psicologia das massas. Sua viabilidade é garantida pela disponibilidade de material bibliográfico sobre o tema, bem como pela presença das manifestações fascistas nos mais diversos meios públicos, como as já citadas redes sociais.

Optamos pela Pesquisa Bibliográfica e documental sobre o assunto como fontes metodológicas por acreditar que apenas através de muitas leituras sobre o comportamento das massas é possível traçar a análise da adesão às ideias fascistas, muito presentes em comportamentos e ações na atualidade.

2 METODOLOGIA

Para que haja uma aproximação inicial com o objeto de estudo, o fascismo, é necessário inicialmente proceder com análise bibliográfica sobre o tema, através de estudo com referenciais teóricos sobre o fascismo e sobre a psicologia das massas, a exemplo de livros como “*O discurso da servidão voluntária*” de Étienne de La Boétie, “*O que é fascismo – e outros ensaios*” de George Orwell, entre outros. Esses referenciais serão o passo inicial na construção desse estudo, pois são o arcabouço teórico para o entendimento sobre o objeto de pesquisa, entendê-lo a partir de perspectivas de autores das diversas áreas é essencial.

Após os estudos sobre o fascismo, tendo uma boa ideia da conceituação para o mesmo, nos debruçaremos sobre a análise das manifestações fascistas na história a partir da psicologia das massas, para tanto, obras essenciais serão “*Psicologia das massas*” de Wilhelm Reich, e “*Psicologia das massas e análise do eu*” de Freud, através da leitura dessas obras, iniciaremos a análise do fascismo tendo por base a história, a fim de entender sob a perspectiva psicanalítica como os líderes fascistas propagaram suas ideias no século XX. Lançar um olhar sobre o passado é necessário para conseguirmos alcançar também as manifestações fascistas no século XXI, especificamente no Brasil, que será o próximo passo no desenvolvimento deste estudo.

Foram realizadas análises de discursos e posturas fascistas em ambientes públicos. Bem como, por meio de notícias de jornais sobre manifestações com características contra a liberdade e as instituições democráticas, que crescem a cada dia em todo mundo. Voltaremos nossa atenção para os ataques aos Poderes no Brasil, com as supracitadas manifestações de cunho fascista, e ataques pessoais a figuras representantes das instituições democráticas como

os Ministros do Supremo. Dessa forma, as análises serão feitas de forma qualitativa, levando-se em consideração as teorias estudadas.

3 PÓS 1914: AS DUAS GRANDES GUERRAS

Conforme dito anteriormente, o totalitarismo achou cenário para se desenvolver e manifestar no cenário pós-guerra, diante de uma população humilhada e economicamente destruída, sofrendo ainda todos os efeitos que mais de trinta anos de guerra são capazes de causar. Por essa razão, é importante uma visão geral sobre a Primeira e a Segunda Guerra Mundial para entendermos o cenário deixado por ambas, e que levou a ascensão de regimes totalitários.

Antes de 1914 poucas guerras envolveram todas as nações do mundo, ou pelo menos a maioria delas, não havia guerras há pelo menos um século, por isso, o pós 1914 é visto como período de caos mundial. A Primeira Guerra Mundial envolveu todas as grandes potências, fez com que canadenses lutassem na França, os Estados Unidos mandassem suas tropas para a Europa, determinando a forma do século XX. A Segunda Guerra também foi guerra total, envolvendo quase todos os países do mundo de forma direta e indireta, mudou a Geografia global, levando milhões a morte dentro e fora dos campos de Batalha. Para Hobsbawm (1995), o pós 1914 inaugura a era do massacre.

A Primeira Guerra Mundial teve início como uma guerra essencialmente europeia entre a tríplice aliança de um lado, formada pela Rússia, Grã-Bretanha e França e as potências centrais de outro, formada por Alemanha, Áustria e Hungria. O ataque a Áustria detonou a guerra e as demais potências começaram a entrar de ambos os lados, seja para defender interesses ou por serem subordinadas. Sérvia e Bélgica entraram logo após o ataque a Áustria, a Turquia e a Bulgária entraram ao lado das potências centrais. Itália, Grécia, Romênia, Portugal, seja por serem subordinadas ou não, também entraram na guerra, o Japão entrou a fim de tomar posições, a Alemanha, e, mais importante, os Estados Unidos entraram em 1917, e teriam uma participação decisiva para o fim da guerra.

Essa guerra marcou o fim da paz, a morte de milhões de franceses, calcula-se que a França tenha perdido 20% dos homens em idade militar, os britânicos perderam meio milhão de homens com menos de trinta anos, um quarto dos alunos de Oxford e Cambridge foram mortos (HOBBSAWM, 1995), os danos em vida e dignidade humana, pois os civis também sofriam, seja por agressões, seja pela fome provocada pela estratégia de lançar submarinos para afogar embarcações que carregavam mantimentos, são incalculáveis. Os horrores da Primeira Guerra interferiram diretamente os rumos da segunda:

Em 1940 a França foi atropelada com ridícula facilidade e rapidez por forças alemãs inferiores e aceitou sem hesitação a subordinação a Hitler porque o país havia sangrado até quase a morte em 1914 a 18. A Grã-Bretanha jamais voltou a ser a mesma após 1918, porque o país arruinara sua economia travando uma guerra que ia muito além de seus recursos. Além disso, a vitória total, ratificada por uma paz punitiva, imposta, arruinou as escassas possibilidades existentes de restaurar alguma coisa que guardasse mesmo fraca semelhança com uma Europa estável, liberal, burguesa, como reconheceu de imediato o economista John Maynard Keynes. Se a Alemanha não fosse reintegrada na economia europeia, isto é, se não se reconhecesse e aceitasse o peso econômico do país dentro dessa economia, não poderia haver estabilidade. (HOBSBAWM, 1995, p. 38)

Foi esse massacre da Primeira Guerra que levou a Segunda. Por meio da paz punitiva imposto a Alemanha, o país encontrava-se devastado e estagnado, tendo sido responsabilizado pela Primeira Guerra, o que preparou o terreno para a ascensão de Hitler. De outro lado, o anseio para que as constantes invasões da Alemanha a levassem até a temida União Republicana Socialista Soviética, e que ambas se destruíssem, fez com que nenhuma nação, em especial as que lideravam a Liga das Nações, criada para evitar outra eminência de guerra após a Primeira Guerra Mundial, se mantivesse praticamente neutra diante das ações alemãs.

A paz punitiva imposta a Alemanha foi a forma de enfraquecê-la, não apenas por perdas territoriais, mas ao privá-la de uma marinha e força aérea efetivas e limitar seu exército a cem mil homens, e privando a Alemanha de todas as suas antigas colônias. Além do pagamento de reparações aos vitoriosos. Nesse cenário, Adolf Hitler causou a Segunda Guerra Mundial, as demais potências entraram sem intenção de conflito, tendo feito de tudo para evitá-lo. Mas nem todos os causadores da Guerra estiveram do lado dos derrotados na Primeira Guerra, Japão e Itália, embora vencedores na Primeira, estavam insatisfeitos. Na Itália o fascismo foi um dos responsáveis por acentuar a insatisfação.

A Segunda Guerra começou em 1939, depois que a Alemanha invadiu a Polônia. Alemanha, Itália e Japão formavam o Eixo, enquanto Reino Unido, França, União Soviética e Estados Unidos formavam os aliados. Estes, posteriormente ficarão conhecidos por derrubarem os governos fascistas dos representantes do Eixo. Após algumas vitórias do Eixo, a decisão alemã de invadir a Rússia e dos japoneses declararem guerra aos Estados Unidos definiram o fim da guerra.

As perdas dessa guerra são incalculáveis, entre soldados e civis, como os judeus na Alemanha, estima-se que tenham sido mortas três vezes mais pessoas que na primeira guerra. Nesses cenários devastados, conflituosos e sangrentos os governos totalitários surgem e se firmam, unindo a frustração de uma população com a vontade de poder de líderes fascistas.

4 O FASCISMO: HISTÓRIA E TEORIAS

4.1 SOBRE A HISTÓRIA:

O debate sobre o que é o fascismo tem ganhado força na atualidade, o conceito parece ter dividido a sociedade entre aqueles que acreditam na possibilidade de um retorno de regimes fascistas, em especial no Brasil do século XXI, e aqueles que negam essa possibilidade. O conceito então entrou no debate público, e cada vez mais pessoas tentam explicá-lo, a fim de aproximar ou distanciar das características das atitudes e posturas do governo atual do Brasil. Nesse tópico iremos debater o fascismo a partir das teorias e leituras que buscaram entender e conceituar o fascismo.

Temos por base que o fascismo é um movimento político, econômico e social, que se desenvolveu em alguns países europeus após a Primeira Guerra Mundial. Embora o termo fascismo e o partido fascista tenham sido criados na Itália de Mussolini, as características gerais de um governo fascista também puderam ser percebidas na Alemanha de Hitler, em Portugal com Salazar, além dos traços autoritários da União Soviética com Stalin, entre outros. Dessa forma, podemos afirmar que o fascismo não foi restrito ao governo Mussolini na Itália, e seus efeitos sempre estiveram presentes, assim como o risco de novos governos fascistas. Conhecer o fascismo e suas características pode ser a chave para que os países não se findem por apoiar governos com posturas fascistas.

Existem entre os muitos estudos sobre o fascismo, uma multiplicidade de significados, que podem acabar dificultando o seu entendimento. Segundo Norberto Bobbio:

Preliminarmente podemos distinguir três usos ou significados principais do termo. O primeiro faz referência ao núcleo histórico original, constituído pelo Fascismo italiano em sua historicidade específica; o segundo está ligado à dimensão internacional que o Fascismo alcançou, quando o nacional-socialismo se consolidou na Alemanha com tais características ideológicas, tais critérios organizativos e finalidades políticas, que levou os contemporâneos a estabelecerem uma analogia essencial entre o Fascismo italiano e o que foi chamado de Fascismo alemão; o terceiro, enfim, estende o termo a todos os movimentos ou regimes que compartilham com aquele que foi definido como "Fascismo histórico", de um certo núcleo de características ideológicas e/ou critérios de organização e/ou finalidades políticas. (BOBBIO, 2000, p. 466)

Essa multiplicidade, inclusive, serve de base para negar a possibilidade de que o Fascismo encontre espaço na política atual, sobre o pretexto de que por ter sido um movimento político do período pós-Guerra ele não encontre o cenário para acontecer novamente. No entanto, entendemos que o fascismo não se restringe ao Governo, ou a um determinado Governo, mas pode estar presente em posturas e manifestações por parte da sociedade, ou seja,

as características do fascismo não estão restritas a Governos e Governantes, elas se encontram também na massa, na sociedade, através de atos, ações e posturas.

Se características como a presença de “... *uma ideologia fundada no culto do chefe, na exaltação da coletividade nacional, no desprezo dos valores do individualismo liberal e no ideal da colaboração de classes, em oposição frontal ao socialismo e ao comunismo (...)*” (BOBBIO, 2000, p. 467) são percebidas em um governo ou sociedade, elas apontam o risco de um sistema fascista, uma vez que são as principais características do Fascismo. Também são características do Fascismo, ao contrário do que muitos pensam, a mobilização das massas, o aniquilamento da oposição pela violência e terror, o controle de informações e dos meios de comunicação de massa, como jornais e programas de televisão, economia dirigida pelo Estado para a privatização e uma lógica totalitária do Estado.

Segundo Umberto Eco, (em artigo publicado originalmente em 1995), o nazismo tinha um programa político completo, que para ele estava presente no *Mein Kampf*, o livro de Hitler, uma teoria do racismo e do povo ariano escolhido, uma noção precisa de arte degenerada e uma filosofia da vontade do poder. Enquanto o fascismo italiano não foi completamente totalitário pela sua fraqueza filosófica, segundo ele:

Ao contrário da opinião comum, o fascismo na Itália não tinha uma filosofia especial. O artigo sobre fascismo assinado por Mussolini na Enciclopédia Treccani foi escrito ou basicamente inspirado por Giovanni Gentile, mas refletia uma noção tardia hegeliana do Estado Absoluto e Ético que nunca foi completamente realizada por Mussolini. Mussolini não tinha filosofia: ele só tinha retórica. Ele era ateu militante no início e depois assinou a Convenção com a Igreja e deu as boas-vindas aos bispos que abençoaram as flâmulas fascistas. Em seus primeiros anos anticlericais, de acordo com uma provável lenda, uma vez ele pediu a Deus, para provar sua existência, que o atacasse imediatamente. Mais tarde, Mussolini sempre citou o nome de Deus em seus discursos e não se importou em ser chamado de Homem da Providência. (ECO, 1995, p. 3)

Para o autor, o fascismo italiano teria sido a primeira “ditadura de direita” em um país europeu, que serviu de arquétipo para outros. Eco reconhece que isso não é suficiente para explicar por que o fascismo se tornou sinédoque para designar diferentes movimentos totalitários, pois o fascismo para ele era uma “colmeia de contradições”. Mas, o fascismo de Mussolini foi responsável por convencer líderes revolucionários europeus de que seu regime era uma alternativa a ameaça comunista. Para o autor, o ponto é que enquanto houve apenas um nazismo, o fascismo pode ser manifestado em vários regimes. Em outras palavras, o que caracteriza o fascismo não foi exclusivo da Itália de Mussolini, com modificações em diferentes locais e épocas, as características fascistas ainda podem ser percebidas.

4.2 CARACTERÍSTICAS DO FASCISMO ETERNO DE UMBERTO ECO E O BRASIL.

“Estamos aqui para lembrar o que aconteceu e solenemente dizer que ‘Eles’ não devem fazê-lo novamente.” (Umberto Eco, 1995)

Os exemplos citados no tópico anterior caracterizam o Fascismo, e podem ser facilmente percebidas em determinadas manifestações atuais, tanto das massas quanto do Governo, melhor dizendo, por parte do chefe do Poder Executivo. A título de exemplo, a propaganda constante contra a mídia e os jornais, que são colocados em total descrédito, apontados como ladrões e mentirosos, que vemos no atual cenário do Brasil é uma clara tentativa de interferência e controle dos meios de comunicação, o culto a tradição, seja ela na forma de família, religião ou costumes, presente no atual governo e citado por Umberto Eco como uma das características do Fascismo Eterno.

A desconfiança do mundo intelectual, a crença de que o pensar é capaz de emascular e de que as universidades são um ninho de comunistas, citadas por Eco, e muito visivelmente presentes no Brasil. Além disso, o apelo contra as diferenças, o nacionalismo, a crença em um inimigo em comum, que precisa ser derrotado e na superioridade dos cidadãos que pertencem ao partido, no Brasil, os “cidadãos de bem”. A figura de um herói mitológico nacional pregando o heroísmo como modelo a se seguir. O fascismo explora o medo natural da diferença, como vemos no Brasil onde existe a negação do racismo, do machismo, homofobia e demais preconceitos enraizados na sociedade:

Como tanto a guerra permanente quanto o heroísmo são jogos difíceis de jogar, o Ur-Fascista transfere sua vontade de poder para questões sexuais. Esta é a origem do machismo (o que implica tanto o desprezo pelas mulheres quanto a intolerância e a condenação de hábitos sexuais fora do padrão, da castidade à homossexualidade). Como até o sexo é um jogo difícil de se jogar, o herói urfascista tende a brincar com armas - isso se torna um exercício fálico falso. (ECO, 1995, p. 9)

O autor também cita o apelo a classe média frustrada que se vê ameaçada diante da pressão dos grupos sociais, e aos poucos percebe que está perdendo seus privilégios. No Brasil isso se manifestou através de reclamações das classes médias relacionadas, entre outros, ao fato de “as empregadas estarem indo a Disney” ou “a filha da empregada estudando na mesma Universidade que a da patroa”, e até mesmo que “qualquer um pode andar de avião”. Essa ameaça forma na classe média frustrada público para o fascismo. Na educação, além da visão contra as universidades, há a vontade de limitar o raciocínio crítico e complexo, uma estratégia fascista adotada no Brasil através da propensão mostrada pelo chefe do executivo a fiscalizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio.

No campo político, o Brasil atual tem posto em dúvida a legitimidade do Parlamento, acusando-o de “não mais representar a vontade do povo”, a mesma deslegitimação é colocada como característica do Fascismo Eterno por Umberto Eco. Esse tópico não pretende acusar o atual governo de fascismo, mas trazer uma reflexão sobre suas características, sabendo que:

Devemos nos manter alertas, para que o sentido dessas palavras não seja mais esquecido. O fascismo ainda está ao nosso redor, às vezes à paisana. Seria muito mais fácil, para nós, se surgisse no cenário mundial alguém dizendo: "Quero reabrir Auschwitz, quero que as camisas pretas desfilem novamente nas praças italianas". A vida não é tão simples assim. O fascismo pode voltar sob o mais inocente dos disfarces. Nosso dever é descobri-lo e apontar nosso dedo para qualquer uma de suas novas instâncias - todos os dias, em todas as partes do mundo. (ECO, 1995, p. 10)

Lembrar o que aconteceu e conhecer as características comuns aos governos totalitários é essencial para que todo e qualquer traço de fascismo seja denunciado e combatido, o fascismo deriva da frustração, seja ela individual ou social, é nela que ele encontra espaço para instalar-se e desenvolver-se. Por isso, precisamos estar atentos as características, as manifestações e a forma como elas vêm crescendo em nosso país.

4.3 TEORIAS:

Sobre a origem do Fascismo, foram criadas teorias que se dividem em suas linhas: as generalizantes e as singularizantes. Pertencem a primeira as teorias que, para explicar o sucesso e aceitação do Fascismo, o consideram como um fenômeno supranacional, que nas diversas formas e locais onde existiu, apresentou características em comum. As teorias singularizantes recorrem a fatores estritamente ligados às singularidades de uma determinada realidade nacional, e rejeitam qualquer generalização (BOBBIO, 2000). Em outras palavras, as singularizantes tendem a analisar o Fascismo como particularmente característico da sociedade italiana, não levando em conta que suas características estiveram presentes em outras sociedades.

É por tais características que concordamos com George Orwell, (2017), sobre vivermos em uma época “*na qual a democracia está em retirada em quase todo lugar, em que super-homens estão no controle de três quartos do mundo (...)*”, sobre o risco de retirada constante da democracia, pelas manifestações cada vez mais escancaradas do fascismo. No livro “O que é o Fascismo? E outros ensaios” O autor busca definir fascismo e se posiciona contra a banalização do conceito, que o torna desprovido de todo o seu significado. Quando trata de banalização, Orwell se refere ao termo fascismo, ou fascista, estar sendo muito mais usado como um

palavrão, como uma ofensa pessoal, e isso, para ele, poderia desviar a atenção dos seus reais riscos, dos riscos de retorno.

Ele analisa como o discurso fascista de Hitler, por exemplo, conseguiu mobilizar e encantar as massas. O cenário no qual governos fascistas entraram em ascensão era geralmente de desemprego, desalento, uma população sofrida, como os 7 milhões de desempregados da Alemanha, que aceitaram facilmente os discursos fascistas.

Segundo Jason Stanley:

A política fascista inclui muitas estratégias diferentes: o passado mítico, propaganda, anti-intelectualismo, irrealidade, hierarquia, vitimização, lei e ordem, ansiedade sexual, apelos à noção de Pátria e desarticulação da união e do bem-estar público. Embora a defesa de certos elementos seja legítima e, às vezes, justificada, há momentos na história em que esses elementos se reúnem num único partido ou movimento político, e esses momentos são perigosos. (2008, p. 8)

O perigo desses momentos pode ser expresso, entre outros, pela forma como eles desumanizam uma parcela da população, fazendo com que a empatia seja direcionada apenas àqueles que não são desumanizados e causando, como na Alemanha, a morte de milhares. Para o autor, a política fascista pode provocar a desumanização de grupos minoritários mesmo quando não há um Estado explicitamente fascista, pelo desprezo a determinados grupos. Os políticos fascistas:

(...) justificam suas ideias ao aniquilar um senso comum de História, criando um passado mítico para respaldar sua visão do presente. Eles reescrevem a compreensão geral da população sobre a realidade distorcendo a linguagem da idealização por meio da propaganda e promovendo o anti-intelectualismo, atacando Universidades e sistemas educacionais que poderiam contestar suas ideias. Depois de um tempo, com essas técnicas, a política fascista acaba por criar um Estado de irrealidade, em que as teorias da conspiração e as notícias falsas tomam o lugar do debate fundamentado. (STANLEY, 2008, p. 10)

São ações e características muito comuns atualmente, o ataque às intelectualidades, a propaganda a interferência em Universidades, a criação de um passado mítico onde tudo era melhor do que no presente, e para o qual eles deve se voltar e desejar, no Brasil a época considerada passado mítico é a ditadura militar, negada pelos que defendem o fascismo, uma verdadeira distorção da realidade que está evidente no Brasil do século XXI, e em outros países, como os Estados Unidos. No Brasil a divisão de um “nós” como cidadãos, e “eles” como oposto, um inimigo em comum, tem no comunismo sua maior vítima. Qualquer postura a favor da liberdade, seja de gênero, credo, cultura ou outro; é vista e “acusada” de comunista. É lógica dualista de que:

À medida que o modelo em relação a “eles” cresce, “nós” passamos a representar tudo o que é virtuoso. (...) “Nós” somos trabalhadores e conquistamos nosso primeiro lugar com luta e mérito. “Eles” são preguiçosos, sobrevivem dos bens que produzimos, explorando a generosidade de nossos sistemas de bem-estar social ou empregando instituições corruptas, como sindicatos, para separar os cidadãos honestos e trabalhadores de seus salários. “Nós” somos produtores; “eles” são parasitas. (STANLEY, 2008, p. 10)

Criar e sustentar essa dualidade entre o “nós” e o “eles”, tão bem ilustrada pelo autor e tão presente na atualidade, é uma estratégia da política fascista, que se apoia nas massas, na divisão dessas massas entre os “bons” e os “maus”, os que estão a seu favor e os que estão contra. O fascismo hoje não tem a mesma aparência do fascismo Hitlerista, mas as características estão postas, as estratégias são as mesmas e se apoiam, hoje, na falta de conhecimento das massas, ou na descrença de que governos fascistas possam novamente ascender. Essa dualidade também é criada e mantida através da propaganda fascista, que, segundo Adorno, (1951), é baseada em cálculos psicológicos, mais que na intenção de conseguir seguidores por meio da racionalidade.

Os regimes fascistas são também, totalitários, no sentido de que compreendem ditaduras monopartidárias. Para Hannah Arendt, em “As origens do Totalitarismo”, (2012), o Totalitarismo é uma forma de domínio nova, pois tende a destruir os próprios grupos e instituições que formam o tecido das relações privadas do homem. É importante destacar que Fascismo e Totalitarismo não são sinônimos, mas que os governos fascistas são também totalitários, pois são unipartidários, monopolizam todos os poderes no seio da sociedade e se sustentam a partir do apoio das massas, garantido pelo controle dos meios de comunicação social.

5 PSICOLOGIA DAS MASSAS: DAS CARACTERÍSTICAS A FORMAÇÃO DA MASSA FASCISTA

Para entender a adesão e as manifestações fascistas no século XXI lançaremos mão do estudo da Psicologia de Massas para nos mostrar, através da psicologia, razões pelas quais a sociedade tem se curvado a figuras de super-heróis que são, ao mesmo tempo, salvadores e tiranos, amorosos e perversos. Dessa forma, a aparição e adesão a essas figuras fascistas proporcionam as bases para o estudo do “inconsciente coletivo” e a complexa teia de relações que envolvem o micro e o macro, o indivíduo e a sociedade. Essas massas não são homogêneas:

A ideologia das massas não coincide necessariamente com a situação econômica delas, pois nem sempre esta se traduz em consciência política. Pode haver, portanto, uma dicotomia entre a situação social e a consciência social. Se um trabalhador faz greve devido aos baixos salários a sua ação está diretamente ligada à sua situação econômica. O mesmo acontece com o esfomeado que rouba para comer. Nesses casos há uma correspondência direta entre a ideologia e a situação econômica. (REICH, 1982, p. 11)

Não faz parte a ideia de consciência dessa massa³. Ele não segue o líder por ou para defender seu papel social, sua situação econômica, há, neste seguir, mais fatores psicológicos, ligados a necessidades reprimidas e encontradas, em especial, na infância. A exploração das massas pelo líder só pode ser compreendida em termos da instituição social básica, a família. É no seio de uma família autoritária que se dá a inibição moral da sexualidade natural da criança, uma vez que essa sexualidade é vista enquanto pecaminosa. Essa função de repressão é continuada pela Igreja quando a criança se torna adulta, toda essa repressão é base para a aceitação e estabelecimento da ditadura. A inibição sexual “*altera a estrutura do homem oprimido economicamente de tal maneira que ele passa a agir, sentir e pensar contra os seus próprios interesses materiais.*” (REICH, 1982, p. 30), o que proporciona o apoio ao líder tirano.

Essa repressão sexual leva, também, à busca por satisfações substitutas como o exibicionismo de uma parada militar. A base dos vínculos familiares é essencial para o entendimento das massas pois, as concepções de Pátria e Nação são concepções de mãe e de família. A mãe é a Pátria da criança, e a família é a Nação em miniatura. Essa ligação passa a ser um produto social, pois se transforma em ligação familiar e nacionalista, que se transforma numa força nacional reacionária. O objetivo da moralidade fascista é, assim, a criação de indivíduos submissos, que se adaptem e aceitem a ordem autoritária. Em outras palavras, a aceitação do fascismo, e de toda a repressão que impõe, pelas massas é a manifestação mais direta da repressão sexual. A inibição moral impede a tomada de consciência da situação social e liga-se fortemente a Igreja. São características e fatores facilmente observáveis nas massas que coadunam com posturas fascistas na atualidade, em especial no Brasil.

É a necessidade de proteção, de um pai autoritário, severo, mas piedoso, por parte das massas que torna o fascista capaz de conseguir tudo. O líder fascista encarna essas características, ele personifica todos os anseios das massas, que lhe seguirão, independentemente do que possa ser apontado contra ele, como uma família submissa aceita, acata e esconde deliberadamente os desvios do pai, ainda que saiba que eles acontecem. Em

³ Nos referimos a população que em manifestações individuais ou coletivas expõe características de massa. Para exemplificar, uma torcida organizada de um time de futebol é um exemplo de massa, nem todos se conhecem, mas dividem as mesmas ideias e gostos. (LE BON, 1921)

outras palavras, Reich situa a base da Psicologia das massas do fascismo em dois pilares: de um lado a família, tendo no centro a repressão da sexualidade infantil, conforme abordamos anteriormente; de outro o caráter da classe média baixa, na qual a família tem sentido de Nação e Pátria encarnados. Essa repressão sexual faz com que a pessoa recalque o impulso sexual de forma inconsciente e enxergue suas manifestações como características de seu caráter, levando a adesão ao fascismo, uma vez que: “(...) *o resultado disso, é o conservadorismo, o medo a liberdade, em resumo, a mentalidade reacionária.*” (REICH, 1982, p. 29). São características observáveis no comportamento de uma parcela da sociedade que adere às ideias fascistas. No Brasil, por exemplo, vemos que:

Não é acidente ou causalidade que no campo dos valores reacionários vejamos alinhados à defesa abstrata da “nação” características como o “moralismo” quanto aos costumes (que vem inseparavelmente ligado a preconceitos, a homofobia, etc.) a defesa da “família”, assim como o chamado “irracionalismo”, a “violência”, o mito da xenofobia e do racismo como constituintes da nação, e o clamor pela “ordem”. A recente cena dantesca de “manifestantes” enrolados na bandeira do Brasil, de joelhos e mãos na cabeça, pedindo intervenção militar é a imagem que condensa todos esses elementos. (IASI, 2018, p. 27)

Além da cena descrita pelo autor, muitas outras manifestações vistas no Brasil se enquadram perfeitamente nas características do fascismo, e com as características da psicologia de massas do fascismo. Não podemos negar que nosso país vive atualmente sob o julgo do fascismo, que tais manifestações, assim como discursos, sejam posturas fascistas. A psicologia das massas busca a explicação para a adesão a tais manifestações, como dissemos, na repressão sexual, no “inconsciente coletivo”, como pontua IASI, 2018.

Não se trata de uma sociedade maluca, doente, ou que perdeu a razão, mas de uma sociedade que hoje manifesta seus anseios reprimidos, que se expõe sem máscaras, uma vez que, com as descobertas de Freud, “*A psicanálise revela-nos os efeitos e mecanismos da opressão e repressão sexual e suas consequências patológicas para o indivíduo.*” (REICH, 1982, p. 74). Em outras palavras, todas essas manifestações e aceitação da massa, do fascismo, ainda que negando-o, encontram explicações através da psicanálise na repressão sexual que tem início na infância com a família e se estende pela vida adulta através da Igreja. É importante ressaltar que essa massa:

O fato mais singular numa massa psicológica, é o seguinte: quaisquer que sejam os indivíduos que a compõem, sejam semelhantes ou dessemelhantes o seu tipo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o simples fato de se terem transformado em massa os torna possuidores de uma espécie de alma coletiva. Esta alma os faz sentir, pensar e agir de uma forma bem diferente da que cada um sentiria, pensaria, e agiria isoladamente. Certas ideias, certos sentimentos aparecem ou se

transformam em atos apenas nos indivíduos em massa. A massa psicológica é um ser provisório, composto de elementos heterogêneos que por um instante se soldaram, exatamente como as células de um organismo formam, com a sua reunião, um ser novo que manifesta características bem diferentes daquelas possuídas por cada uma das células. (LE BON, 1921)

Por mais que em sua individualidade sejam distintos, ao unir-se essa massa passa a ter as mesmas características, manifesta, nesse caso, no apoio em comum a atitudes a favor de posturas fascistas. Ela produz no indivíduo uma impressão de poder ilimitado e perigo indomável, é o que dá espaço para, por exemplo, cometerem atentados às instituições democráticas, como o Congresso, e até mesmo o Supremo Tribunal Federal, proferirem discursos inflamados nas redes sociais, repletos de convocações antidemocráticas, se sentirem na posição de privilégio para acusar e julgar quaisquer um que vá contra as suas ideias. Ainda segundo Le Bon, três características confluem para que as particularidades dos indivíduos da massa se dissipem, produzindo a homogeneidade:

O primeiro é que o indivíduo na massa adquire, pelo simples fato do número, um sentimento de poder invencível, que lhe permite ceder a instintos que, estando só, ele manteria sob controle (...) uma segunda causa, o contágio mental, intervém igualmente para determinar a manifestação de características especiais das massas e a sua orientação. O contágio é um fenômeno fácil de constatar, mas inexplicável (...) uma terceira causa, de longe a mais importante, determina nos indivíduos da massa características especiais, as vezes bastante contrárias às do indivíduo isolado. Refiro-me à sugestionabilidade, de que o contágio mencionado acima é apenas um efeito. (LE BON, 1921, p. 15)

Todo o sentimento e todo ato é contagioso na massa, e por isso o indivíduo sacrifica seu interesse pessoal, e, segundo o autor, existe um contágio mental, o que explica a adesão cada dia maior. Nesse estudo buscamos entender a adesão da massa às ideias fascistas, através da psicologia de massas do fascismo. Entendemos como massa essa parcela da população que, em manifestações individuais e coletivas, expõe as características de massa, e do fascismo. E essa massa é extraordinariamente influenciável, ela é crédula, desprovida de crítica e não acredita no improvável, seus sentimentos são sempre muito simples e muito exaltados, no Brasil essa característica é facilmente percebida, não duvida do que defendem, não cogitam incertezas. Ela criou, através de suas certezas, um ódio selvagem a tudo aquilo que considera perigoso, a todas as manifestações da liberdade e democracia:

Como a massa não tem dúvidas quanto ao que é verdadeiro ou falso, e tem consciência da sua enorme força, ela é, ao mesmo tempo, intolerante e crente na autoridade. Ela respeita a força, e deixa-se influenciar apenas moderadamente pela bondade, que para ela é uma espécie de fraqueza. O que ela exige de seus heróis é fortaleza, até mesmo violência. Quer ser dominada e oprimida, quer temer os seus senhores. No fundo

inteiramente conservadora, tem profunda aversão a todos os progressos e inovações, e ilimitada reverência pela tradição. (LE BON, 1921, p. 15)

Nesse caso, a massa encontrou no Chefe de Estado, e em suas atitudes fascistas, o espaço para manifestar seus anseios que sempre estiveram presentes, porém reprimidos, anseios por negacionismos, um saudosismo de tempos sombrios, o horror aos interesses democráticos, as liberdades individuais e a tudo o que entendem como danoso, seja no âmbito público ou privado. Trata-se, como dito antes, da expressão de uma sociedade sem filtros e sem máscaras, de um desejo por subordinação que tem na repressão sexual sua origem inconsciente, como nos disse Freud, e externa essa repressão através do ato de seguir cegamente um líder, algo como um pai opressor.

Seguindo a definição proposta por Freud para massa, podemos dizer que um indivíduo de alto nível intelectual sozinho, ao unir-se a massa pode tornar-se um selvagem, pois na massa ele perde sua personalidade, age conforme os demais indivíduos do grupo, é o que explica, tomando o Brasil das eleições de 2018, uma multidão aplaudir o ato de violência praticado por dois candidatos a deputado e um ao Governo do Rio de Janeiro, ao quebrarem a placa que homenageava a vereadora Marielle Franco, uma vez que:

(...) dificilmente os afetos dos homens se elevam, em outras condições, à altura que atingem numa massa, e é mesmo uma sensação prazerosa, para seus membros, entregar-se tão abertamente às suas paixões e fundir-se na massa, perdendo o sentimento da delimitação individual. (FREUD, 1921/2011, p. 25)

Era justamente esse prazer que transparecia no ato, ao simbolicamente “derrotar” uma ação dos que são vistos como inimigos. Muito mais que laços em comum, essas pessoas estão, numa concepção freudiana de massa, ligadas por laços libidinais, ao sugerir, e agir, com a destruição da placa eles apenas usam como disfarce para mascarar os laços libidinais que se estabelecem entre eles.

5.2 A INTERNET E O COMPORTAMENTO DAS MASSAS DIGITAIS

O termo “massa digital” é usado nesse estudo para tratar de um grupo de pessoas que compartilham ideias fascistas e as manifestam na internet; acarreta a perda da capacidade autônoma da razão, a suspensão da crença na palavra como mediadora de conflitos, a resistência a escutar o outro, e leva o sujeito/massa a tomar atitudes impulsivas, (DUNKER, 2019). Nesse estado de massa o indivíduo é tomado por uma falsa coragem, os levando a dizer e fazer coisas

que não fariam em outro estado, isso tem acarretado discussões prolongadas nas redes sociais, e modificado a forma como as pessoas convivem umas com as outras.

O “outro”, aquele que não faz parte da massa, não compartilha de ideias, é transformado em objetos, em monstros por não seguirem as leis da massa, são destituídos de sua racionalidade. A formação dessa massa, diante de um cenário de instabilidade política, a colocação de um líder como objeto de ideal de “eu” junto com a emergência de formas segregativas e regressivas de amor, são elencadas por Freud como condições psíquicas que dificultam a democracia⁴, todas elas estão presentes nas atitudes de certa parte da população brasileira, desde, pelo menos, 2013 a 2018, período no qual, segundo Christian Dunker, emergiram as massas digitais, com sua nova economia e identificação. Essas massas:

(...) facultaram um novo tipo de idealização na política, uma nova mítica e um novo tipo de carisma, que permite ao líder político confrontar discursivamente a institucionalidade, no que se convencionou chamar de antipolítica, representada pelos candidatos antissistema. Quando nossos grupos de referência passam a funcionar ao modo de massas digitais e quando a idealização do líder torna cada um de nós um herói em potencial, os afetos assumem uma dinâmica segregativa. (DUNKER, 2019, p. 118)

A união desses movimentos, no Brasil, teve como desfecho a eleição de um Chefe de Estado representante de ideais baseadas no ódio, antipetistas, que flerta com um modelo de democracia exclusiva e excludente. Esse indivíduo, inserido na massa, se sente forte e poderoso, acredita cegamente no que lhe é dito pelos seus, torna-se impulsivo, a ponto, por exemplo, de unirem-se em manifestação para simular bombardeio contra o STF, em 13 de junho de 2020, atentando contra o Supremo, contra o Congresso, e contra a democracia. Quando contrariadas estão sempre propensas a violências, como os inúmeros casos noticiados no Brasil, de pessoas agredidas por usarem camisetas vermelhas, por expressarem suas opiniões em espaços públicos, ou defenderem suas causas.

A formação e as ações das massas digitais com ideias fascistas antidemocráticas no Brasil está cada vez mais perceptível pelas ações coordenadas da massa; o funcionamento delas é baseado na redução de si e do outro ao anonimato e na dissolução dos interesses individuais, e sua atuação pode ter contribuído para a eleição de Jair Bolsonaro, através do uso de redes sociais com postagens anônimas e compradas por grupos privados.⁵ E mesmo na instância

⁴ Conceito grego que ganhou muitas ressignificações até a atualidade. De forma geral, refere-se a participação política, ao Governo do Povo, que atualmente se dá por meio da representação política.

⁵ Não podemos afirmar que a eleição do atual presidente tenha sido possível graças as estratégias descritas no texto. Entretanto, independentemente da veracidade dessas estratégias, sua campanha se beneficiou muito do uso das redes sociais, como WhatsApp, Twitter e Instagram.

governamental, o uso das redes tem substituído lentamente as assessorias de imprensa e demais mediações tradicionais. Um tweets e as mediações institucionais são dispensadas. Pronunciamentos substituídos por posts em redes, que são rapidamente compartilhados.

Além disso, esse estado de massa torna impossível se fazer escutar por argumentos ou fatos, o desprezo dessa massa às fontes é notável e o uso de fake News é assim facilitado, seja intencionalmente, ou não. Os discursos criados são repetidos, a exemplo de “a culpa é do PT”, ou “a imprensa do Brasil é lixo”, ou “você diz isso porque é petista” produzindo um extenso sentimento de divisão social, rompendo laços e tornando o cenário maniqueísta e propenso a desentendimentos.

Esse cenário acarreta uma redefinição de ideias e uma tensão agressiva e imaginária, expressa, por exemplo:

Se você pode ser feminista, eu posso ser machista; se você pode defender a causa dos negros, eu defenderei a branquitude; se pode haver passeata LGBT, porque não uma dedicada ao orgulho hétero. O que se ignora nesse procedimento de equivalência é justamente que a causa feminista ou antirracista visa incluir pessoas que estão de fato ou de direito excluídas da democracia, ao passo que os argumentos reversos defendem uma democracia exclusiva. Ou seja, uma democracia definida por seu passado se confronta com uma democracia definida pelo seu sujeito futuro. (DUNKER, 2019, p. 126)

Por isso a tendência ao funcionamento da massa é uma ameaça à democracia como regime livre de uso da palavra e da razão (FREUD, 1921/2011), pois o maniqueísmo gerado leva a uma interpretação da democracia de modo ambivalente, causando uma disputa pela exclusividade, que separa alguém da massa, geralmente o herói, representado por tantas figuras no Brasil⁶, quando a imagem de herói não pode ser sustentada, surge a imagem de vilão a quem são remetidas as decepções e infortúnios, e a quem é direcionado o ódio. O dualismo é percebido, por exemplo:

(...) se o PT tem casos de corrupção, as pessoas que simpatizam com ele são automaticamente defensoras da corrupção ou, até corruptas elas mesmas. A contiguidade do ódio passa do PT para o comunismo, daí para o esquerdismo, gênero, ideologia, e disso para qualquer sintagma que contenha a expressão “social” (por isso o Partido Nacional Socialista de Hitler se torna automaticamente de esquerda.) (DUNKER, 2019, p. 128)

⁶ A título de exemplo: o Japonês da Federal, Newton Ishii, ex-agente da Federal, que ficou famoso por aparecer em operações notáveis da Lava Jato, sua fama, no entanto, durou pouco, pois ele foi acusado de facilitação de contrabando e logo foi apedrejado pelos que antes o idolatravam; ou mesmo o ex-ministro Sérgio Moro, famoso pela atuação na prisão do ex-presidente Lula, que também teve sua fama cerceada ao renunciar o cargo de Ministro da Justiça do Governo Bolsonaro, e levantar acusações contra o presidente.

O afeto é dominante, e o ódio é segregativo, como diria Adorno. Isso cria animosidade contra o bem-estar social, pois gera o inimigo a ser “combatido”, esse inimigo parece ser a encarnação dos medos da massa. Nele ela projeta seu medo de uma sociedade igualitária, suas repressões sexuais, através da intolerância e homofobia, seu receio de perder esse “pai” opressor, que é, ao mesmo tempo, herói e lenda. No Brasil, o desejo de retornar a Ditadura Militar, os elogios a figura de um torturador adquirem funcionalidade em manter a fidelidade da massa, que reproduz cegamente esses discursos.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mundo contemporâneo parece ter aberto a “Caixa de Pandora” das ideias fascistas, que agora se espalham com facilidade e ganham cada dia mais adeptos. As características de um governo fascistas, tão bem descritas pelos estudiosos do tema, nos mostram que esse é um risco sempre presente. Através da psicologia das massas entendemos que a adesão a essas ideias e posturas características de governos fascistas encontram explicação em fatores psicológicos, ligados a necessidades reprimidas e encontradas, em especial, na infância.

A repressão da sexualidade natural da criança, primeiro no seio da família autoritária, e posteriormente através da igreja, causa a aceitação do estabelecimento da ditadura e a busca por satisfações substitutas, além de corroborarem para a vontade de obedecer a um pai tirano e autoritário, visto na figura do líder fascista, que chega ao ponto de fazer com que o oprimido sonhe em ser opressor. Em outras palavras, a aceitação do fascismo e toda a repressão que ele impõe é a manifestação mais direta da repressão sexual. A inibição moral impede a tomada de consciência da situação social e liga-se fortemente a família durante os primeiros anos de vida, e a Igreja, posteriormente.

O Brasil encontra cenário para a adesão a essas ideias por possuir uma massa cujas frustrações sexuais levam a busca por um pai autoritário, um líder carismático, um herói mitológico. Essa massa já demonstra características claras do fascismo, em suas várias manifestações contra as instituições democráticas, a pluralidade, a intelectualidade, pelo nacionalismo exacerbado e busca de tradicionalismo. É preciso estar atento, tanto as características do fascismo, quanto ao que leva uma parcela significativa da população a aderir a essas ideias, para que o ovo da serpente não seja fecundado.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. **Teoria freudiana e o padrão da propaganda fascista**. In. Ensaio sobre psicologia social e psicanálise. São Paulo: Unesp. 1977 [2007].
- ARENDRT, Hannah. *Origens do totalitarismo* (trad. Roberto Raposo). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- BOBBIO, Norberto *et alii*. **Dicionário de política**. Brasília: UNB, 2000.
- BOÉTIE, Étien de La. **O discurso da Servidão voluntária**. Fonte Digital, 2006.
- DUNKER, Christian Ingo Lenz. **Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático**. In: Vários autores. *Democracia em risco? 22 Ensaio sobre o Brasil hoje*. 1º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, p. 116 – 135.
- ECO, Umberto. *Ur – Fascismo: Fascismo Eterno*. Versão em português: Lara Kauss. The New York Review of Books - 22 de Junho de 1995.
- FREUD, Sigmund. **Psicologia das massas e análise do Eu**. Ebook, tradução de Paulo César Souza, Ed. Companhia das Letras, 1921.
- HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Extremos o breve século XX: 1914 – 1991*. São Paulo, Companhia das Letras, 1995.
- IASI, Mauro. **A psicologia das massas do fascismo ontem e hoje**: por que as massas caminham sob a direção de seus algozes? Publicado pela equipe Le Livros, 2008.
- LOLLO, Paolo. **Psicanálise contra o fascismo – Do mito da Torre de Babel à diferença entre Real, Simbólico e Imaginário**. (conferência) Rev. Estudos psicanalíticos, nº 48, Belo Horizonte, jul/dez de 2017.
- ORWELL, George. **O que é o fascismo?** E outros ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- REICH, Wilhelm. **Psicologia de massas do fascismo**. Ed: Martins Fontes, 2001.
- STANLEY, Jason. **Como funciona o fascismo?** A política do “nós” e “eles”. São Paulo: L&PM, 2008.